

CARTAGO: ARQUEOLOGIA E REPRESENTAÇÕES

José Guilherme Rodrigues da Silva¹

Resumo: A arqueologia de Cartago é uma fonte importante de informações para o estudo da história da antiga cidade africana. Os traços materiais descobertos nas últimas décadas, em Cartago e outros sítios semitas do ocidente mediterrânico, permitem a reconstrução do desenvolvimento da cidade, econômico, social, cultural e político, desde sua fundação até a destruição, em 146 a.C. A partir dos dados arqueológicos e de algumas referências históricas, examinamos, pela perspectiva das representações sociais e dos processos de fixação de identidade étnica, a hegemonia cartaginesa sobre as demais comunidades semitas do Mediterrâneo Ocidental e a produção de alteridades, por parte de gregos e, principalmente, romanos, em relação aos cartagineses. Por fim, duas hipóteses, não exclusivas, são aventadas para a destruição de Cartago pelos romanos.

Palavras-chave: Arqueologia; Cartago; representações.

Abstract: The archaeology of Carthage is an important source of information to the study of the history of the ancient African city. The material traces discovered in the last decades in Carthage and other semitic sites of the Western Mediterranean permit the reconstruction of the economic, social, cultural and politic development of the city, since its foundation until the destruction, in 146 bC. By the perspective of social representations and processes of ethnic identity fixation we examined, from archaeological data and some historical references, the Carthaginian hegemony over other Western Mediterranean semitic communities and the production of otherness by Greeks and mainly Romans concerning the Carthaginians. Finally, two hypothesis, not exclusives, are put forward regarding the destruction of Carthage by the Romans.

Keywords: Archaeology; Carthage; representations.

¹ O autor é Mestre em Geociências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e aluno do Mestrado em História Social das Relações Políticas, do Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), orientando do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. E-mail para contato: jguilhermers@terra.com.br

I INTRODUÇÃO

Cartago tem sido há tempos um símbolo de antiguidade exótica, distinta da greco-romana, mais conhecida e estudada. Localizada no Mediterrâneo Ocidental, fez parte, geográfica e politicamente, do mesmo *continuum* histórico que denominamos de arcaico, clássico e helenístico, assim como Roma e as colônias gregas da Península Itálica, da Sicília e da costa meridional da atual França. Porém, sua geografia política, centralizada no continente africano, com áreas de influência sempre opostas, primeiro aos gregos, depois aos romanos, e sua população de etnia semita, produziram a idéia de exotismo e de diferença, posicionando-a nas representações modernas em contraste às sociedades romana e grega, estas européias, uma contraposição cuja normalização é ditada também em relação às margens do Mediterrâneo. Cartago foi, de acordo com essa representação, uma cidade-estado dessemelhante, que se opôs a Roma e foi destruída, da qual pouca coisa é conhecida.

Esta situação vem sendo modificada graças à arqueologia, notadamente, a partir da década de 1970, quando um estudo financiado pela UNESCO revelou que o avanço da moderna Túnis era responsável por uma taxa alarmante de destruição da herança material de Cartago. Em vista disso, foi lançado, em 1972, pelo Governo da Tunísia e pela UNESCO, um projeto internacional pela salvaguarda de suas ruínas, o qual atraiu arqueólogos de diferentes países da Europa e da América do Norte (Hurst & Roskams, 1984:xi). Em 1979, Cartago foi declarada Patrimônio Mundial pela UNESCO e, em 1985, 600 hectares do sítio arqueológico foram proclamados zona de proteção, transformados, finalmente, no Parque Arqueológico de Cartago em 1991. A Tunísia tornou-se, assim, o único país na região do Mediterrâneo a possuir uma área protegida, com essas dimensões, no interior de uma grande região urbana (Bessis, 1999; INP, 2007).

Diversas publicações sobre a arqueologia de Cartago estão hoje disponíveis, aumentando em muito nosso conhecimento sobre a história da sociedade cartaginesa e das suas relações com os Estados contemporâneos. Para as sociedades antigas, principalmente aquelas cujas informações nas fontes primárias escritas são poucas, dados arqueológicos são fundamentais para a reconstrução histórica. Veremos a seguir alguns dados que a arqueologia nos oferece sobre a história de Cartago². Antes, porém, verificaremos a forma pela qual o etnônimo “púnico” foi atribuído aos cartagineses, termo que é utilizado até hoje na literatura.

² As conversões dos valores em talentos e dracmas para massa em toneladas foram feitas segundo Marchetti (1975:170, 246-250, 283), Thompson (1986) e Harl (1996:392 nota 22).

II “PÚNICO”: ORIGEM E SIGNIFICADO

Oposições binárias são fundamentais na produção de significados (Hall, 1997:235-236; Woodward, 2007:40, 46-47), de forma que a geopolítica e a população de etnia semita posicionaram Cartago conceitualmente como exótica e diferente em relação às sociedades romana e grega, consideradas nossas antepassadas. A tendência de identificação com essas últimas favorece a construção de uma oposição entre “nós” (nossos antepassados) e “eles” (cartagineses), oposição que pode ser encontrada, em alguns casos, na literatura moderna (Alvar, 1995:130) e no estabelecimento dos centros de estudos sobre Cartago e demais comunidades semitas do ocidente mediterrâneo, nos departamentos de estudos do Oriente Médio das universidades de diversos países (Fentress, 2001:267). Esta imagem polarizada tem mudado, devido principalmente às descobertas arqueológicas e às interpretações e estudos nelas baseados. Porém, esta oposição verificada também no passado.

A sociedade cartaginesa se helenizara de maneira crescente (Momigliano, 1993:4), principalmente a partir da passagem entre os séculos IV e III a.C., quando se caracterizou, nas palavras de Lancel (1992:226-228), por uma grande “mestiçagem cultural”, característica que levou Grimal a defini-la como detentora de um helenismo misto (Grimal, 1975:16). Entretanto, as citações dos autores clássicos, principalmente romanos, posteriores às Guerras Púnicas sobre fenícios e cartagineses são, normalmente, preconceituosas (Aubet, 2001:3; Prag, 2006:13-16), demonstrando uma relação de alteridade e de fixação de diferenças étnicas. Essa visão negativa, portanto, tem sua origem mais provável nos confrontos entre romanos e cartagineses durante as Guerras Púnicas. Alguns estudos têm mostrado essa conexão.

Os etnônimos atribuídos por romanos e gregos aos semitas não eram os mesmos pelos quais esses últimos se identificavam. Os fenícios do oriente se autodenominavam, como grupo, cananeus, e o termo “fenício” (φοινικ, “*phoiniks*”, em grego) foi cunhado pelos gregos entre os séculos IX a VII a.C., para definir os semitas orientais como um todo, não sendo utilizado pelos próprios semitas em nenhum documento conhecido, textual ou epigráfico (Aubet, 2001:6-7; Prag, 2006:25-26). Para os cartagineses e outros semitas ocidentais, não são conhecidos termos que indiquem a auto-atribuição de uma identidade de grupo (por exemplo, “púnico”). No que concerne à epigrafia fenícia, púnica e neo-púnica³, a norma observada é a utilização de identidades cívicas, como por exemplo “de Sídon” (ou “sidônio”) e “cartaginês” (ou “de

³ Neopúnica: posterior à destruição de Cartago em 146 a.C.

Cartago”) (Prag, 2006:24-26). Os etnônimos “fenício” e “púnico” eram, portanto, atribuições generalizantes de alteridade, pertencentes aos processos de construção e manipulação de identidades e alteridades de grupo⁴. Prag (2006:7-8) observa que nosso conhecimento do uso do termo latino *poenus* (“púnico”) como adjetivo para “cartaginês”, derivado de maneira plausível de “*phoiniks*”, não é anterior ao século III a.C., sendo observado pela primeira vez no poema épico *Bellum Poenicum*⁵, de Névio⁶. Após pesquisas empreendidas em fontes epigráficas, desde o século III a.C. até os primeiros anos do Império Romano, o autor pode concluir que, para os romanos, todos os cartagineses eram *poeni*, mas o inverso não era verdadeiro, este último termo implicando também outros semitas ocidentais, lógica encontrada na literatura do mesmo período. Nas fontes textuais e epigráficas posteriores à destruição de Cartago (146 a.C.), o termo *poenus* toma uma amplitude maior e passa a ser mais do que apenas uma referência a cartaginês⁷. *Poenus* possui, enfim, no século I a.C. um significado negativo, relacionado a “enganador” (Prag, 2006:12-16). Por outro lado, Momigliano (1993:4-6) demonstra que uma imagem negativa do cartaginês não era a corrente entre os gregos, nem antes e nem após as Guerras Púnicas. Apenas nos escritos de Timeu, historiador grego da Sicília⁸, onde os cartagineses eram inimigos dos gregos por cerca de três séculos, encontram-se referências negativas anteriores àqueles conflitos. Mesmo na literatura romana do período, como em Plauto, não encontramos nada “muito ruim”, nas palavras de Momigliano, sobre os cartagineses⁹.

Esses etnônimos são ainda utilizados (Prag, 2006:4). Hoje, o termo “fenício” identifica o semita que vivia na região mais ou menos correspondente ao atual Líbano, a partir de cerca do início do primeiro milênio antes de Cristo, e identifica também o semita que viveu na região

⁴ Compreendemos essas atribuições generalizantes lembrando de atribuições de alteridade atuais, que reúnem, sob um mesmo adjetivo, grupos étnicos diferentes: por exemplo, a utilização do termo “turco” para os descendentes de turcos, libaneses, armênios e sírios, normalmente com conotação negativa.

⁵ O adjetivo latino é transcrito de diferentes formas, dependendo do autor: Prag (2006:13) escreve *Poenicum*, enquanto Grimal (1975:146), *Punicum*. O dicionário de Saraiva (1993) indica o adjetivo *Poenicus* (*a, um*) como a forma arcaica de *Punicus* (*a, um*).

⁶ De acordo com Grimal (1975:146), o poema foi escrito, provavelmente, na última década do século III a.C. Plauto, igualmente, utilizou *poenus*, mas também o diminutivo *poenulus*, além de *carthaginiensis* (“cartaginês”), em suas peças (Prag, 2006:14; nota 56), encenadas entre cerca de 212 e 186 a.C. (Grimal, 1975:154). Ênio, em seus *Annales*, redigidos entre 203 a.C. e a primeira metade do século II a.C., (Grimal, 1975:217), identificou os cartagineses pelos mesmos termos, *poenus* e *carthaginiensis* (Prag, 2006:14; nota 56).

⁷ A forma aspirada *phoenix* (também derivada de *foînīc*) e seus cognatos aparecem pela primeira vez no século II a.C. e tornam-se comuns a partir do século seguinte (Prag, 2006:11 e nota 46). *Phoenix* e as demais formas aspiradas referem-se, invariavelmente, a partir do século I a.C., aos fenícios orientais, enquanto *poenus* e seus cognatos referem-se tanto aos orientais quanto aos ocidentais (Prag, 2006:11-12).

⁸ Timeu, de Tauromênio (atual Taormina), autor de uma história de Roma, desde as origens até 264 a.C.

⁹ A utilização do adjetivo “muito”, por Momigliano, pode ser interpretada como indicação de algo “ruim”.

mediterrânica ocidental entre os séculos VIII e VI a.C. Já o termo “púnico” identifica o cartaginês ou qualquer semita que habitava a região do Mediterrâneo Ocidental a partir da metade do século VI a.C. (Aubet, 2001:13). Esses termos estão presentes nesse ensaio, e serão citados de acordo com essas especificidades baseadas no contexto histórico e com a sua utilização pelos autores referenciados.

III OS PRIMÓRDIOS DA CIDADE: OS SÉCULOS VIII a VI a.C.

As primeiras evidências fenícias na área ocidental do Mediterrâneo são percebidas em contextos arqueológicos do século VIII a.C. (Cross, Jr., 1971:193-194; Aubet, 2001:194-211). Entre estas estão as mais antigas de Cartago, colônia fundada por imigrantes de Tiro em uma península no Golfo de Túnis e denominada, na escrita semita, Qart Hadasht, “Cidade Nova” (Rakob, 1990:36; Lancel, 1992:34; Aubet, 2001:212-218).

O traçado urbano de Cartago era ortogonal desde o século VIII a.C.¹⁰, sendo provável que a cidadela fosse localizada na colina de Byrsa¹¹ desde esse período inicial, hipótese difícil de verificar, pois os aterros e aplainamentos feitos na época de Augusto, durante a recolonização romana, transformaram a colina em um platô (Rakob, 1990:36, 41; Fantar, 1990:53-54; Niemeyer, 1990:49; Lancel, 1990:20; Lancel, 1992:38).

A cidade foi, provavelmente desde o início, planejada e cercada por muralhas possantes, com áreas selecionadas no espaço urbano para funções específicas, portos, fortaleza, santuários, comércio, artesanato, habitações e necrópoles, modelo que, aparentemente, outras cidades semitas das regiões costeiras do Mediterrâneo Ocidental adotaram. A existência de necrópoles e áreas verdes ou agricultáveis *intra-muros* é, contudo, distintiva de Cartago (Fantar, 1990:54-55, 58-59).

Depósitos de múrex triturados e traços de atividade metalúrgica demonstram que o comércio e o artesanato estiveram ligados ao cotidiano urbano desde os seus primórdios (Rakob, 1990:36). O artesanato em ouro, de alta qualidade artística (primeira fase datada do século VII ao

¹⁰ Traçado semelhante ao das colônias gregas da Ásia Menor, do sul da Itália e da Sicília, fundadas na mesma época (Tomlinson, 1995:35-36). Fantar (1990:54) afirma que o traçado urbano ortogonal já era conhecido no oriente semítico bem antes de ser desenvolvido nas colônias gregas, sendo, portanto, anterior ao século VIII a.C. e a Hipodamo, de Mileto, famoso no século V a.C. por utilizar esse padrão (Tomlinson, 1995:37; Lawrence, 1998:190, 192).

¹¹ O nome Byrsa, termo grego para a colina onde ficava a cidadela de Cartago, deve provir do semita “poços de ovelha”, ou seja, poços (escavados) para água doce (Lipinski, 1990:126-129).

século VI a.C.), foi fortemente influenciado por técnicas, tipos e iconografia de Chipre, do Egito e do Oriente Próximo¹² (Caveda, 1997:135-136).

Cartago é o sítio do Mediterrâneo Ocidental que demonstra a maior diversidade no fluxo comercial, desde o século VII até sua destruição em 146 a.C. No que concerne ao comércio com a Grécia, por exemplo, é o sítio africano onde mais se encontram ânforas coríntias do tipo A (séculos VII a IV a.C.), que transportavam, provavelmente, azeite (Morel, 1990:76-78, 100).

A partir do século VI a.C. a influência econômica cartaginesa apresenta uma ascensão, evidenciada, por exemplo, na Península Ibérica, onde segundo Brunet, a colonização cartaginesa não objetivava o domínio territorial, mas sim o controle das exportações e importações dos bens provenientes de vários locais no Mediterrâneo (Brunet, 1997:141-149). Aliada à expansão comercial, em torno de 550 a.C. Cartago lançava as fundações de seu futuro comando marítimo ocidental e obtinha o controle político da Sardenha e de parte da Sicília. É deste período o conflito com um esquadrão de foces nas águas da Córsega, em Alália, provavelmente pelo controle das rotas comerciais. Com relação ao controle político, é notável que o tratado firmado por Roma e Cartago em 509 a.C., registrado por Políbio (III,22.3), foi o primeiro a definir áreas de influência política no ocidente do Mediterrâneo (Aubert, 2001:206, 226). Notáveis são também as pistas de que as instituições políticas e administrativas de Cartago, como as assembleias, o Conselho dos Anciãos (a Gerúsia) e os sufetes¹³, aparentemente foram adotadas por outras cidades púnicas, (Lancel, 1992:134-135; Fantar, 1990:57).

IV CARTAGO NOS SÉCULOS V e IV a.C.

Cartago, entre o final da primeira metade do século V a.C. e o início do século seguinte, experimentou um progressivo desenvolvimento urbano, com diversas zonas periféricas de metalurgia e de cerâmica internas ao perímetro. Cidade costeira, suas muralhas marítimas, paralelas à linha de costa, sobrepostas por parapeitos decorados, eram formadas por grandes blocos de arenito El Haouaria¹⁴ revestidos por estuque branco (Lancel, 1992:153-159 e 160). Paradoxalmente, existem evidências de uma recessão econômica no século V a.C., sugerida pela interrupção na produção do artesanato em ouro (Caveda, 1997:135-136), talvez relacionada com

¹² Fase de manufatura denominada de arcaica (Caveda, 1997:135-136).

¹³ Dupla de magistrados eleitos por um ano e epônimos do ano da magistratura.

¹⁴ O arenito El Haouaria, utilizado nas construções monumentais em Cartago, é encontrado nas falésias do Cabo Bom. É explorado desde pelo menos o século VII a.C. (Lancel, 1992:335).

a derrota cartaginesa em 480 a.C. para as tropas da cidade de Agrigento¹⁵, na Sicília. Apesar do tratado posterior à batalha garantir a manutenção das possessões na Sicília, Cartago foi obrigada a pagar uma indenização de 2 mil talentos (Dridi, 2006:34-35), ou seja, mais de 52 toneladas de prata. Alguns autores não vêem grandes conseqüências econômicas nesse episódio, tomando como base, por exemplo, a não interrupção das importações de cerâmica grega (Dridi, 2006:35). Contudo, considerando que durante a dominação da Península Ibérica, renomada pela riqueza mineral e, principalmente, pelas minas de prata, Roma retirava, com o trabalho de 40 mil escravos, 25 mil dracmas de prata por dia no século II a.C. (Rickard, 1928:135), ou cerca de 39 toneladas por ano, pode-se conceber o imenso fardo a indenização causou na economia cartaginesa.

A urbanização acelerou-se no final do século IV a.C., avançando sobre a planície costeira, sob a proteção da muralha. É provavelmente desse período a construção da ágora da cidade, de acordo com uma hipótese admitida por Rakob (Rakob, 1990:31-32, 41-42; Lancel, 1992:153-159 e 161), conseqüência, certamente, do maior contato de Cartago com o mundo helenizado desde essa época (Caveda, 1997:136). A tipologia das jóias de ouro, que denunciam assimilações helenísticas, também sugere que Cartago e outras cidades, como Cádiz, na Península Ibérica, e Tharros, na Sardenha, permaneceram em contato mútuo durante sua história através do intercâmbio de artesãos, devido à homogeneidade relativa nas produções artesanais¹⁶ (Caveda, 1997:137-139). A helenização da cidade é atestada igualmente nas ordens arquitetônicas. Colunas com capitel eólico são típicas a partir do século IV a.C., inclusive na arte funerária. A partir desse período, a ordem jônica passa a predominar na arquitetura, com claras influências da Sicília helenística, sendo as estelas funerárias a maior evidência (Lancel, 1992:332).

No âmbito comercial, Cartago importou em maior quantidade ânforas comerciais e menos cerâmicas finas. Ânforas, datadas entre o século V e a primeira metade do século II a.C., encontradas em Cartago e na costa italiana do Mar Tirreno, demonstram o comércio entre Marselha e Cartago, sugerido também pelas ânforas de vinho cartaginesas, datadas entre o final do século IV e o século III a.C., encontradas tanto na região gaulesa influenciada pelo comércio de Marselha quanto nessa mesma cidade. Esse comércio floresceu em meio a outros negócios mais essenciais, como o do ouro do interior africano e o do estanho da Europa céltica (Morel,

¹⁵ Acragás, para os gregos.

¹⁶ Fase de produção artesanal denominada de púnica, do final do século V a.C. ou início do século IV a.C. até 146 a.C. (Caveda, 1997:137-139).

1990:70-73). Igualmente, importações de cerâmicas áticas a figuras vermelhas e a verniz negro assumem maior importância no século IV a.C., principalmente aquelas a verniz negro, algumas, segundo a tipologia, exclusivas para consumo da clientela púnica (Morel, 1990:73-76, 78-80, 82-84, 100).

As relações comerciais também se fortaleceram na Península Ibérica nos séculos IV e III a.C. (Brunet, 1997:143). Cerâmicas etruscas e gregas eram redistribuídas nas colônias cartaginesas, juntamente com outros produtos importados¹⁷ e utensílios nativos de cada região (Morel, 1983:72). Segundo Brunet, essas inter-relações permaneceram na esfera comercial, pois, no que concerne às evidências funerárias, nada sugere que fortes misturas culturais houvessem acontecido entre cartagineses e comunidades nativas ibéricas (Brunet, 1997:143, 147-149).

Quanto à esfera religiosa, novas formas simbólicas foram introduzidas a partir do século VI a.C., afetando todo o mundo púnico e resultando num certo grau de uniformidade nos ritos envolvendo o tratamento dos corpos, na arquitetura funerária e nos tipos de monumentos sagrados. Certos autores interpretam essa uniformidade como consequência da dominação ideológica e política de Cartago (Deamos, 1997:130). Evidência dessa identidade religiosa são as estelas e monumentos funerários turriformes denominados de *Nefesh*. Um dos aspectos da religião das sociedades semitas era a crença na dualidade da alma: uma alma vegetativa, residente eterna da tumba, e outra espiritual, que abandona o corpo e ascende aos céus. Com estrutura vertical quadrangular e topo piramidal, o *Nefesh*, veículo simbólico para o mundo astral, representava a idéia de redenção da alma e de aspiração à salvação (Prados Martínez, 2006:14-17). Porém, uma divergência nessa identidade nos símbolos sagrados é a inexistência de traços dos santuários denominados de *tofets* nos sítios púnicos da Península Ibérica, sugerindo sua ausência da vida religiosa daquelas populações (Deamos, 1997:129-130; Aubet, 2001:245). Por outro lado, comunidades púnicas da Sicília e da Sardenha, a exemplo de Cartago e outras localidades do norte da África¹⁸, tinham como característica comum no domínio religioso o *tofet*¹⁹ (Fantar, 1990:56). O termo *tofet* não é atestado em nenhuma inscrição púnica ou fenícia

¹⁷ Produtos importados, como ânforas (azeite e vinho), vasos, lingotes de bronze, pedras de moinho, vários tipos de nozes e uvas, objetos do Oriente Próximo e de cidades púnicas, alguns de Cartago (Brunet, 1997:147).

¹⁸ Motia, na Sicília. Sulcis, Monte Sirai, Tharros, Nora e Bitia, na Sardenha. A partir do século III a.C., Constantina, na Argélia, e Sousse, na Tunísia (Moscato, 1992:17, 19-33, 65; Aubet, 2001:238).

¹⁹ Nas comunidades púnicas, o *tofet* era uma área sagrada posicionada a céu aberto e cercada por muros (Lancel, 1992:247).

(Lancel, 1992:247), mas sim no Antigo Testamento²⁰, identificando um espaço sacrificial de crianças semitas, inclusive hebréias, imoladas pelo fogo à entidade denominada Moloc²¹, em um santuário dedicado a Baal ou Baal Hammon²² (Fantar, 1990:56; Lancel, 1992:247-248; Moscati, 1992:10). A descoberta dos sítios sagrados semitas do ocidente mediterrânico, contendo urnas com ossos queimados de crianças, levou à sua associação com as menções bíblicas ao *tofet*, fixando assim uma imagem anacrônica e deslocada geograficamente da realidade²³ (Moscati, 1992:11).

O *tofet* de Cartago, localizado a oeste do porto mercante, é o maior até hoje descoberto. Em atividade desde o século VIII a.C. até a destruição da cidade em 146 a.C., sua maior extensão data do século III a.C. (mais de 1 hectare) (Fantar, 1990:56; Lancel, 1992:247-248). Distingue-se dos demais, sobretudo, pelas formas e mensagens epigráficas e iconográficas, que permitem alguma reconstituição da sociedade cartaginesa, mencionando personagens da vida social e política, como magistrados e artesãos, imigrantes gregos e orientais, escravos e libertos. Dedicatórias a Tanit²⁴, como deidade única ou associada a Baal, são preponderantes em todos os *tofets* (Fantar, 1990:61-63; Moscati, 1992:51; Aubet, 2001:250).

É importante notar que, apesar de análises do texto bíblico defenderem o contrário (Barrick, 1992:117-120), uma tese advoga, desde 1935, que o termo Moloc²⁵ não designa um deus, mas “sacrifício”. Estudos recentes corroboram essa idéia (Moscati, 1992:10, 48-49; Aubet, 2001:253).

Sacrifícios humanos podem ter ocorrido, excepcionalmente, em períodos de calamidade, para apaziguar os deuses, mas análises em Cartago e na Sardenha sugerem que as crianças morreram de causas naturais, a maioria ao nascer ou em tenra idade. Fetos são comuns e animais eram sacrificados em associação. Atualmente, assume-se que os *tofets* eram necrópoles sagradas

²⁰ Por exemplo: “Chegou até a passar seu filho pelo fogo, segundo o abominável costume dos povos que o Senhor tinha expulsado de diante dos filhos de Israel” (*Reis II*, 16,3); “Profanou também Tofet, no vale do filho de Enom, a fim de que ninguém fizesse passar pelo fogo seu filho ou sua filha em honra de Moloc” (*Reis II* 23,10); “... e ergueram o lugar alto a Baal para, em honra dêle (*sic*), queimarem seus filhos em holocausto. ... êste (*sic*) lugar não mais se chamará Tofet...” (*Jer.* 19,5-6).

²¹ Segundo Moscati (1992:10), a conotação de Moloc, no texto bíblico, é de “vergonha”.

²² Associado à fecundidade da terra e à vida após a morte, deus principal dos púnicos africanos (Dridi, 2006:170). Para os romanos, era associado a Saturno, para os gregos, a Cronos (Moscati, 1992:51).

²³ Até hoje não foi encontrado nenhum indício de *tofets* no Oriente Próximo (Moscati, 1992:15; Aubet, 2001:246).

²⁴ Entidade ligada à alimentação, amamentação, fecundidade humana e da terra, deusa suprema de Cartago (Dridi, 2006:174-175). Seu nome mais provável era Tinit, termo, porém, baseado em epigrafia tardia e provincial, possivelmente um desenvolvimento do vocábulo original (Moscati, 1992:52).

²⁵ Escreve-se *mlk*, da mesma forma que “rei”, mas este último é pronunciado “Milk” (Dridi, 2006:192).

infantis, sendo a cremação um rito privado, familiar, um ato simbólico purificador dos que não passaram pelos rituais integradores com o mundo adulto, relacionando-se à cidadania (Moscati, 1992:58, 60-61; Aubet, 2001:250-254). Somente cidadãos plenos sacrificavam no *tofet*, habitantes de cidades politicamente independentes, autorizadas a construí-lo. O *tofet* simbolizava o desenvolvimento sócio-político da comunidade, cujo modelo da prática coletiva de cidadania, centro hegemônico dos interesses políticos e econômicos regionais, era Cartago (Aubet, 2001:254-256). A inexistência de *tofets* nos sítios ibéricos representa, provavelmente, sua diferença e *status* inferior como unidades categóricas e funcionais sociais e políticas, em relação às comunidades púnicas que o possuíam (Aubet, 2001:254-256).

V HELENISMO, HEGEMONIA E DESTRUIÇÃO: SÉCULOS III e II a.C.

Vimos como a arqueologia demonstra um maior intercâmbio cultural de Cartago com o mundo helenizado a partir do século IV a.C. Um exemplo desse intercâmbio é o sincretismo entre Hércules, Hércules e Melqart, atestado nas comunidades semitas. O templo de Melqart em Cádiz, no sudoeste da Península Ibérica, famoso durante toda a Antiguidade e centro do culto a Hércules (ou Hércules) *Gaditanus*²⁶ durante o período imperial romano, tinha desenho helenístico, embora elementos do ritual preservassem traços semitas (Aubet, 2001:273-275). Em Cartago, Melqart aparece assimilado a Hércules pelo menos desde o século III a.C., assimilação que, segundo Lancel, representa a “mestiçagem cultural” característica da cidade púnica, particularmente “nos dois últimos séculos de sua existência”²⁷. Ainda outro exemplo é a adoção do culto a Deméter e Kore, desde o século IV a.C. (Lancel, 1992:226-228, 269).

Essa helenização pode ser observada também nos edifícios e monumentos funerários. Escavações arqueológicas descobriram, a leste da colina de Byrsa e próximo à costa, vários fragmentos de um grande edifício, datando, provavelmente, do final do século III a.C. Dentre os fragmentos encontra-se um capitel em estilo dórico, feito de arenito El Haouaria e coberto de estuque tratado com mármore branco pulverizado e cal. O capitel, segundo Rakob, indica um

²⁶ Hércules “de Gades”, ou “de Cádiz”.

²⁷ No original, “L’iconographie de Melqart à Carthage, si elle n’est pas très abondante, est très représentative du métissage culturel qui est une des caractéristiques de la cité punique en particulier dans les deux derniers siècles de son existence” (Lancel, 1992 :226).

edifício importante, provavelmente um templo (Rakob, 1990:35-36). É interessante notar que em Cartago as ordens arquitetônicas demonstram o ecletismo artístico dos cartagineses, inclusive na arquitetura funerária, com colunas em estilo dórico, jônico e eólico, e também motivos egípcios (Lancel, 1992:332, 336-337).

Ao mesmo tempo em que se helenizava, a sociedade cartaginesa demonstrava uma tendência crescente de concentrar sua esfera de influência comercial no ocidente mediterrâneo. Segundo Morel (1990:85), a partir do final do século IV a.C. as importações de cerâmicas áticas tendem a se esgotar e cada vez mais se encontram cerâmicas importadas do ocidente do Mediterrâneo. Essas, porém, raras e quase isoladas, tornam-se, após a Segunda Guerra Púnica, cada vez mais comuns. Exemplos são as cerâmicas denominadas de Genucilia²⁸, provenientes, provavelmente, de Ceres e Falerii, ou mesmo de Roma, “testemunhas de um tímido recomeço de relações entre Cartago e a Itália central próximo ao final do século IV a.C.”²⁹, e as cerâmicas a verniz negro do “Atelier das Pequenas Estampas”³⁰. Estas últimas representam um fluxo de comércio mais robusto, proveniente de Roma entre o final do século IV e o primeiro terço do século III a.C. Não são encontradas nas áreas gregas da Sicília e da Sardenha, mas abundam em colônias semitas. Os exemplares de tipo mais comum evidenciam que as relações comerciais entre Roma e as cidades púnicas do ocidente mediterrâneo foram estabelecidas antes da Primeira Guerra Púnica, e os fragmentos encontrados em Cartago de tipos mais elaborados demonstram, juntamente com os pratos de Genucilia, que essas relações eram especiais e que Cartago representava um mercado importante para Roma e as demais cidades do centro da Itália (Morel, 1969:94-103, 117; Morel, 1990:86-87). Segundo Morel, citando Maximo Pallottino sobre o contexto de predominância econômica e política entre Roma e Cartago, “Roma e Cartago estão sozinhas, no início do século III a.C., uma em face da outra”³¹ (Morel, 1990:87).

A concentração dos eixos comerciais cartagineses no Mediterrâneo Ocidental gerou, além da importação de cerâmicas, a criação de outros canais de comércio mais lucrativos, calcados na exportação do excedente agrícola das regiões controladas pelos púnicos e na importação,

²⁸ Páteras com ondas pintadas nas bordas, normalmente ornadas com uma cabeça feminina, com a técnica a figuras vermelhas, ou com um motivo em cruz, pintado em negro (Morel, 1990:85).

²⁹ No original, “témoins d'un timide regain des relations de Carthage avec l'Italie centrale vers le fin du IVe siècle...” (Morel, 1990:85).

³⁰ Esta cerâmica é uma das raras produções artesanais certamente atribuíveis ao território propriamente romano na primeira metade do século III a.C., com origem provável no Lácio, talvez em Roma (Morel, 1969:60).

³¹ No original, “Rome et Carthage restent seules, au début du IIIe siècle, l'une en face de l'autre” (Morel, 1990:87).

principalmente da Itália e da Espanha, de produtos como vinho e azeite. Cartago, desde o final do século IV a.C., apresentava, então, sinais de pujança econômica. Explorava economicamente, de forma indireta ou direta, mais da metade da Tunísia de hoje. Dentro desta vasta área, é na porção mais fértil, situada entre o rio Medjerda³² e o *wadi* Miliane³³, em direção sudoeste a partir de Cartago até quase a fronteira atual com a Argélia, que se encontram os restos arqueológicos de diversas *villae*, fazendas e pequenos burgos, muitos deles fortificados³⁴, como atestam os sítios descobertos entre o Miliane e o Cabo Bon. Segundo Lancel, sabe-se que, a partir de ruínas do período romano, essa foi a região mais densamente urbanizada da Antiguidade, e os traços materiais demonstram que, em sua maioria, as aglomerações urbanas eram originalmente púnicas ou indígena-púnicas, cuja razão de existir era, com raras exceções, a agricultura (Lancel, 1992:290-291, 300-301). Nessa região, assim como pouco mais ao sul, cultivavam-se espécies arbustivas, como o figo, e, principalmente, videiras para fabricação do vinho licoroso denominado *passum*. Quanto à distribuição dessa produção, ânforas para o transporte de vinho ou azeite, de tipologia comum no século III e no início do século II a.C., têm sido descobertas em Cartago e vários sítios costeiros do norte da África, mas também no sul da Espanha, em Marselha, na Córsega, em Roma e em Atenas, sugerindo uma vasta cadeia de comércio (Lancel, 1992:294-295). Outras ânforas púnicas para transporte de vinho, produzidas em diferentes regiões do norte da África e datadas desde o século II a.C., são encontradas na Itália central, por exemplo, em Roma, Óstia e Cosa. Para Fentress, o fato de que regiões viticultoras italianas estavam importando o vinho produzido nas fazendas púnicas pode parecer estranho, mas pode ser explicado pela qualidade distinta daqueles vinhos, do tipo *passum*, o mesmo produzido na região de Cartago, cujo sabor adocicado era muito apreciado. Além disso, o consumo desses vinhos pode indicar a presença de comunidades de hebreus ou púnicos no centro da Itália³⁵ (Fentress, 2001:263-264). Em contrapartida a essas exportações, são comuns em Cartago ânforas transportadoras do vinho de Rodes, datadas do final do século III e do início do século II a.C.

³² O Medjerda, na Antiguidade, denominava-se Bragadas (Lancel, 1992:291).

³³ O termo *wadi*, em árabe, ou *oued*, em francês, significa rio de vazão intermitente, cujo leito só é drenado em períodos de fortes chuvas nas cabeceiras.

³⁴ Para proteção contra invasões e revoltas domésticas (Lancel, 1992:300).

³⁵ Vinhos adocicados são utilizados ainda hoje pelas comunidades judias nas cerimônias da Páscoa (Fentress, 2001:263-264).

(Lancel, 1992:294-297), e ânforas greco-italicas, datadas do século IV ao II a.C. As últimas são abundantes, representando a importância do comércio com a Itália³⁶ (Morel, 1990:88-90, 92-94).

Com relação à cerâmica da Campânia, a do tipo A, produzida em Nápoles e Ischia, foi exportada em grandes quantidades para Cartago, notadamente no segundo e no terceiro quarto do século III a.C., mas também para a região de influência comercial de Marselha (Gália meridional e nordeste da Península Ibérica), sugerindo uma certa simetria comercial entre Cartago e Marselha com relação a esta cerâmica. Quanto à cerâmica campana B, que começa a ser produzida no início do século II a.C., particularmente as produzidas na Etrúria, grandes quantidades são encontradas em Cartago, nas cidades púnicas da Península Ibérica e em Ampúrias (Morel, 1990:94-99). Por outro lado, cerâmicas ibéricas são encontradas em Cartago, notadamente recipientes para exportação de produtos como anchovas e mel, sendo mais comuns as provenientes de Ampúrias (Morel, 1990:90-91).

Outro exemplo da pujança econômica cartaginesa está na ilha de Jerba, situada no sudeste da atual Tunísia, onde os restos materiais permitem a interpretação de uma colonização púnica bem sucedida. Sua prosperidade é atestada pelas evidências da manufatura de tintura púrpura no porto de Meninx³⁷, mas principalmente pelas *villae*, cuja produção principal era o vinho e o azeite para exportação (Fentress, 2001:254, 262, 264). Grandes *villae* e pequenas fazendas faziam parte da paisagem, as mais antigas datadas do final do século III ou início do século II a.C., portanto concomitantes ao final ou posteriores à Segunda Guerra Púnica, testemunhando o desenvolvimento do comércio púnico nesse período. Das grandes *villae* em Jerba, várias, a exemplo daquelas da região de Cartago e da Sicília, eram guardadas por torres e portões, um reflexo dos tempos belicosos. Segundo Fentress, seus habitantes eram, provavelmente, refugiados das regiões em conflito da Sicília e da Sardenha. A arquitetura das *villae* e os modelos de produção agrícola na região de Jerba, desde esse período até o século I a.C., estão intimamente ligados aos da Sicília grega, sendo difícil diferenciar as influências púnicas, gregas ou mesmo nômadas, sugerindo uma grande mistura cultural (Fentress, 2001: 255-260, 264-268 e nota 58).

Essa força da economia de Cartago foi duramente testada nos os conflitos e derrotas contra os romanos entre a Primeira e a Segunda Guerra Púnica. Ao final da Primeira Guerra

³⁶ Algumas dessas ânforas, provavelmente, são cópias cartaginesas (Morel, 1990:92-94).

³⁷ O porto de Meninx deveria ser bastante rico em 253 a.C., durante a Primeira Guerra Púnica. Políbio relata que uma frota romana tentou atacá-lo, mas ficou encalhada nos baixios da área, salvando-se graças à mudança da maré (Políbio, 1, 39.1-39.5).

Púnica, em 241 a.C., Cartago foi obrigada a pagar uma indenização a Roma no valor de 3200 talentos (Políbio, I,62.9-63.3), ou cerca de 84 toneladas de prata. As moedas de prata desse período possuem teor bastante enfraquecido (Crawford, 1985:136-138). Posteriormente, as campanhas dos Barca no sul da Península Ibérica, em meados do século III a.C., geraram o controle das minas de prata, cuja produção era extraordinária, provendo a cidade-estado com os meios de pagar as indenizações e um novo exército (Picard & Picard, 1968:236-237; Goldsworthy, 2001:148-149), como sugerem o aumento da qualidade das moedas de prata cartaginesas e sua abundante distribuição desde este período até aproximadamente 206 a.C. (Alexandropoulos, 2004:112, 117).

Quando em 209 a.C. os romanos tomaram Nova Cartago³⁸, no sul da atual Espanha, expulsando os cartagineses daquela região três anos depois (Políbio, X, 12.1-15.10; X, 24.1-3), as minas ibéricas passaram para as mãos romanas. O efeito de tal perda na economia de Cartago deve ter sido imenso³⁹ (Rickard, 1928:129). Sua moedagem torna-se, substancialmente, de bronze (Crawford, 1985:136-138). Cartago perdeu todas as possessões fora da África, teve parte dos domínios africanos dada aos númidas⁴⁰ e a frota drasticamente reduzida. A indenização cobrada por Roma desta vez se elevou a dez mil talentos, que deveriam ser pagos em prestações anuais de duzentos talentos em cinquenta anos (Políbio, XV, 18.1-8), correspondendo a mais de cinco toneladas de prata por ano, ou um total de cerca de 262 toneladas de prata.

Paradoxalmente, apesar das perdas e indenizações, de acordo com a arqueologia o auge do processo de crescimento urbano de Cartago ocorreu entre o final do século III a.C. e imediatamente após o final da Segunda Guerra Púnica (Lancel, 1992:163-165; Hurst, 1994:47). O setor a norte e nordeste do porto militar, por exemplo, aparentemente só foi urbanizado no século III a.C. (Lancel, 1990:12-13), e a colina de Byrsa, onde se situava a cidadela que se tornaria o último bastião da cidade durante a invasão romana em 146 a.C., somente foi totalmente urbanizada após o início do século II a.C. Datam desta época as importantes modificações arquitetônicas ao sul da colina, com suas habitações padronizadas de vários andares, e as do quarteirão próximo ao mar. Neste último, a muralha da cidade foi reconstruída avançando sobre a

³⁸ Atual Cartagena.

³⁹ De acordo com Estrabão, citado por Rickard, “De metais, de fato, todo o país dos ibéricos é pleno, ... tão superior a este respeito que a melhor boa vontade no mundo não pode expressar sua excelência em palavras. Pois ouro, prata, cobre e ferro de similar qualidade não têm, até este momento, sido descobertos em nenhuma parte do mundo” (Rickard, 1928:129).

⁴⁰ A Numídia correspondia, aproximadamente, ao nordeste da Argélia moderna.

linha de costa, de forma a liberar espaço para grandes casas a peristilo, cuja decoração das paredes e dos pisos demonstram o enriquecimento e o desenvolvimento social desta parte da cidade (Lancel, 1992:167, 171-176).

Outras pistas da urbanização final são as ruínas dos grandes portos de Cartago, o porto circular, militar, e o porto retangular, mercante, construídos no início do século II a.C. O porto militar podia abrigar possivelmente até 220 navios, entre trirremes e embarcações menores, uma evidência do prolongamento da prosperidade da cidade mesmo após a Segunda Guerra Púnica e, talvez, um motivo para o terceiro e último conflito (Hurst, 1979:27-28; Hurst, 1994:33-39; 40-48). Ambos os portos foram construídos com o mesmo material das muralhas da cidade, blocos de arenito revestidos de estuque branco, existindo evidências de que a pavimentação dos corredores entre os estaleiros era composta por mosaicos (Hurst, 1994:291 e 301). Os fragmentos dos arquivados decorados da muralha em frente aos portos corroboram a espetaculosidade do desenvolvimento e o vigor econômico da cidade no final de sua história (Hurst, 1994:45-51, 291-293).

Sinais dos derradeiros momentos da cidade púnica, as ruínas dos estaleiros do grande porto militar denunciam sua destruição por um incêndio, e sua interpretação estratigráfica permitiu uma datação com *terminus post quem* no início do século II a.C. Comparando a evidência da datação com as informações das fontes textuais antigas sobre a destruição da cidade e a queima dos portos em 146 a.C., Hurst (1994:15, 17-18) identificou, com bastante legitimação, a data do incêndio verificado nas estruturas dos estaleiros com o evento da destruição de Cartago. Da mesma forma, sondagens arqueológicas pontuais revelaram evidências da destruição da cidade, como fragmentos de tijolos queimados e escombros de pavimentos, de estuques e de soleiras (Rakob, 1990:41).

Os últimos anos da cidade também são atestados pelas ruas ao sul da colina de Byrsa. Um dos cruzamentos dessas vias, por onde corriam os esgotos do quarteirão, exhibe sinais de assoreamento pelo material das descargas públicas. As causas desse acúmulo de detritos foram interpretadas como relacionadas às dificuldades sofridas pela população durante os três anos do cerco romano, de 149 a 146 a. C. (Lancel, 1992:177). Também nessa região foram encontradas ossadas humanas sob blocos de pedra, testemunhas do morticínio, atestado pelas fontes literárias, que se seguiu à invasão da cidade pelos romanos. Outro testemunho da matança, o mais marcante, são as centenas de esqueletos de homens e mulheres enterrados em valas comuns e

encontrados por escavações realizadas nas primeiras décadas de 1921, à sudoeste da colina de Byrsa (Lancel, 1992:168 e 445).

VI CONCLUSÕES

O espaço tem uma história. A dimensão espacial é inseparável da temporal, as inter-relações pessoais são integradas aos grandes processos políticos e econômicos através da interação no espaço, cujo significado não pode ser deles destacado, e essas integrações, diacrônicas, são acompanhadas pelas mudanças no espaço de interação. Logo, os vestígios materiais devem ser indagados enquanto espaço vivo, que mescla o material e o simbólico, e observados em suas transformações. O espaço deve ser interpretado como reflexo dos construtores, de suas relações sociais e de poder (Robin & Rothschild, 2002:160-162).

A arqueologia de Cartago nos fornece pistas de sua história. Cidade construída por imigrantes do Oriente Próximo, pelo que expomos acima logo adquiriu o *status* de metrópole, influenciando social, econômica e politicamente os demais agrupamentos semitas. Semitas, pois não se pode precisar a etnia daquelas populações. A caracterização dos achados arqueológicos como “púnicos” ou “fenícios” tem levado à interpretação redutora da etnia dos antigos habitantes como fenícios ou cartagineses, quando, primeiro, a semelhança nos vestígios materiais não significa necessariamente a mesma identidade étnica ou cultural e, segundo, as evidências apontam para uma diversidade, como, por exemplo, no caso da colônia de Solunto, uma das três consideradas tradicionalmente fenícias na Sicília, cujas moedas apresentam “*KFK*” (*kafra*), termo aramaico para “povoado”. Outros exemplos são a presença de inscrições em aramaico em Ischia e Francavilla⁴¹ (Prag, 2006:4-5, nota 12).

Isso nos remete aos processos de produção de identidade e alteridade étnica⁴², que são dependentes da marcação da diferença (Hall, 1997:235-236; Barth, 2000:26-27, 31-32; Woodward, 2007:40, 46-47). Diferenças entre categorias étnicas requerem processos de exclusão e incorporação. Assim, a continuidade histórica de um grupo como unidade étnica depende da manutenção de uma fronteira cujas características culturais podem mudar com o tempo, mas a

⁴¹ Ischia, ilha na costa centro-ocidental da Itália, denominada Pithecusa, na Antiguidade. Francavilla situa-se no nordeste da Sicília.

⁴² Válido para outros processos de produção de identidade, como de gênero.

dicotomia contínua entre os que se entendem membros e os não-membros nos permite especificar a natureza da continuidade e investigar forma e conteúdo culturais em mudança (Barth, 2000:33), a partir de seu reflexo no espaço construído. A marcação da diferença, portanto, produziu a representação de todos os semitas do ocidente mediterrâneo como “púnicos”, paradoxalmente, após a helenização de Cartago aproximá-la das sociedades gregas e romana contemporâneas.

Por outro lado, os vestígios materiais nos permitem compreender as transformações que sobrevieram àquelas sociedades semitas e observar seu progresso. Vimos como Cartago foi uma cidade planejada provavelmente desde o início, sugerindo a vontade política dos fundadores, talvez originada em Tiro, de criar uma colônia que concentrasse o poder sobre os demais assentamentos fenícios do ocidente. Seu desenvolvimento econômico e social colocou-a em posição de forte influência regional nas esferas econômica, religiosa e política. Sua vocação comercial facilitou as trocas culturais e a absorção de uma nova simbologia, a do helenismo, caracterizada em alguns setores da vida social, talvez da política⁴³. Mesmo na arte religiosa, cercada de tradição em todas as sociedades, ocorreu a inserção de motivos helenísticos. A “mestiçagem cultural” referida no texto não é um fenômeno isolado de Cartago, mas um movimento cultural de grandes proporções que englobava toda a região do Mediterrâneo. A confluência de culturas e as associações finais regionais que denominamos de helenismo podem talvez ser compreendidas de acordo com a definição de Barth de correntes de tradições culturais, onde cada uma exibe uma agregação empírica de certos elementos, formando conjuntos de características que coexistem e tendem a persistir ao longo do tempo, podendo também se misturar na vida das populações locais e regionais (Barth, 2000:123). O helenismo foi uma dessas correntes, uma mais poderosa, que, ao se mesclar com as demais, gerou diferentes soluções. Se por um lado o helenismo aproximou Cartago culturalmente de sociedades não semitas, a religião e a economia a posicionaram como modelo e centro hegemônico para as comunidades que comungavam sua identidade étnica.

Na esfera religiosa e política, o *tofet* representava cidadania e *status*, e o de Cartago, o mais antigo, simbolizava o poder político regional. Mas o ritual Moloc estigmatizou os cartagineses. Proscrito no Antigo Testamento, deixou de ser praticado no *tofet* após a queda da cidade, perdurando na região, secretamente, banido pelas autoridades romanas, pelo menos até o século II d.C. (Lancel, 1992:225, 248; Aubet, 2001:249). É interessante notar que o rito não é

⁴³ Se for válida a existência de uma ágora.

relatado por historiadores de grande autoridade, Heródoto, Tucídides, Políbio ou Tito Lívio (Moscati, 1992:57-58; Aubet, 2001:249-250). Isto reforça a interpretação arqueológica do rito de passagem para a integração do indivíduo a algo que era caro no mundo antigo, a participação na vida política da cidade. Marca de identidade étnica, o ritual Moloc ajudou a fixá-la a partir da afirmação da história compartilhada, e a continuidade da unidade étnica resultou da manutenção de uma fronteira com os não membros da comunidade.

Quanto ao vigor da economia de Cartago, este pode ter sido a causa de sua destruição. Lancel (1992:299) nos recorda que Catão, em um de seus discursos pela destruição de Cartago, utilizou, como metáfora da pujança econômica e do perigo que a cidade representava para Roma, um figo maduro e fresco, que segundo ele havia sido colhido três dias antes na própria Cartago. As figueiras, trazidas da África, produziam bem na Itália desde a primeira metade do século II a.C. A metáfora sugere a força e a concorrência da economia cartaginesa, portanto dos velhos inimigos. Como vimos, Cartago, apesar de importante mercado para a Itália, era um concorrente⁴⁴. Podemos, então, aventar duas hipóteses, não exclusivas, para a motivação romana, econômica e estratégica, pela destruição de Cartago. Primeiro, a capacidade produtiva e comercial dos velhos oponentes, sobrepujando incontinentemente os fardos das indenizações das guerras, e, segundo, a perspectiva romana de domínio das regiões férteis norte-africanas.

Os cartagineses eram concorrentes dos romanos, comandavam uma grande região produtora e capacitaram-se economicamente, mesmo frente às perdas das minas ibéricas, a indenizar os romanos antes do prazo definido⁴⁵. Segundo Crawford (1985:136-138), provavelmente Cartago comerciava seus produtos em gênero, trocando-os por metais em barras, dos quais produzia moedas para pagamento das tropas e da indenização.

Além do poder econômico manifesto, Cartago forneceu grãos para o exército romano da Macedônia, no início do século II a.C. (Goldsworthy, 2001:320-321), o que demonstra uma grave dependência estratégica romana. O modelo romano de domínio do espaço era a implantação de colônias, subjungando a região adjacente (Cornell, 2001:347-352). Investigações arqueológicas na região ao norte de Roma, sul da antiga Etrúria, sugerem que a estratégia de dominação romana, pelo menos desde o século III a.C., visava também o controle de áreas rurais. O caso de Falerii Veteres é significativo. Arrasada em 241 a.C. (Políbio, I,65.1-2), sua população foi remobilizada

⁴⁴ Exportando vinho e azeite e para as regiões produtoras da Itália.

⁴⁵ Roma rejeitou o pagamento, preferindo manter nos cartagineses a lembrança da derrota (Goldsworthy, 2001: 327).

para um novo sítio, Falerii Nova. A antiga Falerii, localizada estrategicamente e cercada por muralhas maciças, era um foco potencial e não tolerado de oposição (Potter, 1979:97-99). Essa atenção com áreas rurais é explicável. No mundo antigo a primeira e mais importante preocupação era a alimentação. A região mediterrânea possui clima seco e alta variação pluviométrica anual. Suas populações experimentavam freqüentes perdas de colheita (Garnsey, 1983:56). Conheciam-se poucas variedades de grãos, a tecnologia era limitada, de forma que o clima e a geografia⁴⁶, combinados com os contextos sócio-cultural e político⁴⁷, limitavam o comércio e o transporte das matérias primas (Garnsey & Whittaker, 1983:1). Roma necessitava das colheitas da África e, tudo indica, seu *modus faciendi*, e a dependência incômoda do velho adversário, geraram a solução. Na década de 160 a.C., os númidas tomaram a Tripolitânia⁴⁸, dominada por Cartago e rica em entrepostos comerciais. Seguiram-se várias embaixadas a Roma, mas, segundo Políbio, os romanos decidiram, em seu próprio proveito, a favor dos númidas. Cartago foi multada em quinhentos talentos (treze toneladas de prata), relativos à renda da Tripolitânia desde o início da disputa (Políbio, XXXI, 21). Dez anos depois, os númidas apoderaram-se de vastas regiões a sudoeste da cidade. Os cartagineses revidaram e, mesmo derrotados, feriram o último tratado com Roma⁴⁹. Os romanos usaram essa brecha jurídica. Associando essas circunstâncias ao discurso de Catão, chega-se à conexão. *Delenda est Carthago*.

Nos últimos anos de sua história, Cartago tinha força econômica para se expandir, reformando, em concreto e pedra, os portos, símbolos de sua antiga e maior razão de desenvolvimento: o caminho marítimo. Roma, contudo, havia lutado duas guerras com Cartago. Entre a Segunda e a Terceira Guerra Púnica, 53 anos se passaram, cerca de duas gerações, tempo que pode ter produzido nos romanos uma imagem mais intensa do “adversário”, um discurso sobre o “outro”, o “grande inimigo” que esteve às portas de Roma. A alteridade produzida, a economia cartaginesa e a dependência dos campos cultivados africanos geraram, então, a agressão.

⁴⁶ Incluindo tempestades, que freqüentemente afundavam embarcações.

⁴⁷ As guerras eram fator limitante para o transporte ou a produção de alimentos.

⁴⁸ Região do extremo noroeste da atual Líbia.

⁴⁹ O tratado especificava que os cartagineses só poderiam ir à guerra com o consentimento romano (Políbio, XV, 18.1-8).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOCUMENTAÇÃO PRIMÁRIA IMPRESSA

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica), pelo Centro Bíblico Católico. 51. ed. São Paulo: Editora “Ave Maria” Ltda., 1986, 1632 p.

POLYBIUS. *The histories*. The Loeb Classical Library. Tradução de W. R. Paton. 8. imp. Cambridge: Harvard University Press, 2000, 6 v.

REFERÊNCIAS INSTRUMENTAIS

ALEXANDROPOULOS, Jacques. *Les monnaies de l'Afrique antique*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2004. 507 p.

ALVAR, Jaime. *De Argantonio a los romanos*. La Iberia protohistorica. Madrid: Ediciones Temas de Hoy S.A., 1995. 145 p. (Historia de España, 2).

AUBET, Maria Eugenia. *The Phoenicians and the West*. Politics, colonies, and trade. Tradução de Mary Turton. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 432 p.

BARRICK, Boyd. Molech: a god of human sacrifice in the Old Testament. Revisão do livro de DAY, John. *Journal of Biblical Literature*. Atlanta: The Society of Biblical Literature, v. 111, n. 1, p. 117-120, 1992.

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Organização de Tomke Lask. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda., 2000. 242 p.

BESSIS, Sophie. Carthage's long-awaited rescue. *The Unesco Courier*, set., 1999. Disponível em: <http://www.unesco.org/courier/1999_09/uk/signes/txt1.htm>. Acesso em: 23 jul. 2008.

BRUNET, Teresa Chapa. Models of interaction between Punic colonies and native Iberians: the funerary evidence. In: BALMUTH, Miriam S.; GILMAN, Antonio & PRADOS-TORREIRA, Lourdes (Ed.). *Encounters and transformations: the archaeology of Iberia in transition*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997. p. 141-150. (Monographs in Mediterranean Archaeology, 7).

- CAVEDA, Alicia Perea. Phoenician gold in the Western Mediterranean: Cádiz, Tharros and Carthage. In: BALMUTH, Miriam S.; GILMAN, Antonio & PRADOS-TORREIRA, Lourdes (Ed.). *Encounters and transformations: the archaeology of Iberia in transition*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997. p. 135-140. (Monographs in Mediterranean Archaeology, 7).
- CORNELL, T. J. *The beginnings of Rome: Italy and Rome from the Bronze Age to the Punic Wars (c. 1000 – 264 BC)*. 2. reimp. London: Routledge, 2001. 507 p.
- CRAWFORD, Michael. *Coinage and money under the Roman Republic*. Italy and the Mediterranean economy. Berkeley: University of California Press, 1985. 355 p.
- CROSS, Jr., Frank Moore. The Old Phoenician inscription from Spain dedicated to Hurrian Astarte. *The Harvard Theological Review*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 64, n. 2/3, p. 189-195, 1971.
- DEAMOS, María Belén. Religious aspects of Phoenician-Punic colonization in the Iberian Peninsula: the stelae from Villaricos, Almería. In: BALMUTH, Miriam S.; GILMAN, Antonio & PRADOS-TORREIRA, Lourdes (Ed.). *Encounters and transformations: the archaeology of Iberia in transition*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997. p. 121-133. (Monographs in Mediterranean Archaeology, 7).
- DRIDI, Hédi. *Carthage et le monde punique*. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 2006. 287 p. (Guide Belles Lettres des Civilisations, 21).
- FANTAR, Mhamed. Carthage: archétypes et spécificité. In: COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARQUEOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD, 4., 1990. Strasburgo. *Carthage et son territoire dans l'Antiquité*. Tome I. Strasburgo: Éditions du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1990, p. 53-65.
- FENTRESS, Elizabeth. Villas, wine and kilns: the landscape of Jerba in the late Hellenistic period. *The Journal of Roman Archaeology*. Portsmouth: Journal of Roman Archeology, v. 14, p. 249-268, 2001.
- GARNSEY, Peter. Famine in Rome. In: GARNSEY, Peter & WHITTAKER, C. R. (Ed.). *Trade and famine in classical antiquity*. Cambridge: The Cambridge Philological Society, 1983. p. 56-65. Supplementary Volume, 8.
- GARNSEY, Peter & WHITTAKER, C. R. Introduction. In: GARNSEY, Peter & WHITTAKER, C. R. (Ed.). *Trade and famine in classical antiquity*. Cambridge: The Cambridge Philological Society, 1983. p. 1-5. Supplementary Volume, 8.

- GOLDSWORTHY, Adrian. *The Punic wars*. London: Cassell & Co, 2001. 412 p.
- GRIMAL, Pierre. *Le siècle des Scipions: Rome et l'hellénisme au temps des guerres puniques*. 2. ed. Paris: Éditions Aubier-Montagne, 1975. 414 p.
- HALL, Stuart. The spectacle of the 'other'. In: HALL, Stuart (ed). *Representation*. Cultural representations and signifying practices. London: The Open University/Sage Publications Ltd., 1997. p. 223-290.
- HARRIS, Kenneth W. *Coinage in the Roman economy: 300 BC to AD 700*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996. 533 p.
- HURST, Henry. Excavations at Carthage, 1977-8. Fourth interim report. *The Antiquarian Journal*. London: The Society of Antiquaries of London, v. 59, p. 19-49, 1979.
- HURST, Henry. *Excavations at Carthage*. The British Mission. The Circular Harbour, north side: The site and finds other than pottery. London: Oxford University Press, 1994. v, II.1. 335 p. (British Academy Monographs in Archaeology, 4).
- HURST, Henry & ROSKAMS, S.P. Foreword. The save Carthage project. In: HURST, Henry & ROSKAMS, S.P. *Excavations at Carthage*. The British Mission. The Avenue du President Habib Bourguiba, Salambo: The site and finds other than pottery. Sheffield: The Department of Prehistory and Archaeology (Publications)-The British Academy from the University of Sheffield, 1984. v. I.1, p. xi.
- INP – Institut National du Patrimoine. Site de Carthage. Patrimoine archéologique et ethnographique Tunisien. Ministère de la Culture et de la Sauvegarde du Patrimoine, nov., 2007. Disponível em: < http://www.inp.rnrt.tn/Sites_p_mondial.htm>. Acesso em: 23 jul. 2008.
- LANCEL, Serge. Problèmes d'urbanisme de la Carthage punique, a la lumière des fouilles anciennes et recentes. In: COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARQUEOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD, 4., 1990. Strasburgo. *Carthage et son territoire dans l'Antiquité*. Tome I. Strasburgo: Éditions du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1990, p. 9-30.
- LANCEL, Serge. *Carthage*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1992. 525 p.
- LAWRENCE, A. W. *Arquitetura grega*. Tradução de Maria Luiza Moreira de Alba. São Paulo: Cosac & Naify Edições Ltda., 1998. 243 p.
- LIPINSKI, Edouard. Byrsa. In: COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARQUEOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD, 4., 1990. Strasburgo. *Carthage et son*

territoire dans l'Antiquité. Tome I. Strasburgo: Éditions du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1990, p. 123-129.

MARCHETTI, Patrick. *Histoire économique et monétaire de la deuxième guerre punique*. Bruxelles: Palais des Académies, 1975. 538 p.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Alien wisdom*. 5. imp. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. 176 p.

MOREL, Jean-Paul. Études de céramique campanienne, I: L'atelier des petites estampilles. *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire – École Française de Rome*. Paris: Éditions de Boccard, v. 81, p. 59-117, 1969.

MOREL, Jean-Paul. La céramique comme indice du commerce antique (réalités et interprétations). In: GARNSEY, Peter & WHITTAKER, C. R. (Ed.). *Trade and famine in classical antiquity*. Cambridge: The Cambridge Philological Society, 1983. p. 66-74. Supplementary Volume, 8.

MOREL, Jean-Paul. Nouvelles données sur le commerce de Carthage punique entre le VIIe et le IIe siècle avant J.-C. In: COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARQUEOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD, 4., 1990. Strasburgo. *Carthage et son territoire dans l'Antiquité*. Tome I. Strasburgo: Éditions du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1990, p. 67-100.

MOSCATI, Sabatino. *Il santuario dei bambini (Tofet)*. Roma: Libreria Dello Stato-Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato, 1992. 73 p.

NIEMEYER, Hans Georg. A la recherche de la Carthage archaïque : premiers résultats des fouilles de l'Université de Hambourg en 1986 et 1987. In: COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L'HISTOIRE ET L'ARQUEOLOGIE DE L'AFRIQUE DU NORD, 4., 1990. Strasburgo. *Carthage et son territoire dans l'Antiquité*. Tome I. Strasburgo: Éditions du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1990, p. 45-52.

PICARD, Gilbert Charles & PICARD, Colette. *The life and death of Carthage*. Tradução de Dominique Collon. London: Sidgwick & Jackson, 1968. 362 p.

POTTER, T.W. *The changing landscape of South Etruria*. London: Paul Elek Limited, 1979. 184 p.

- PRADOS MARTÍNEZ, Fernando. La iconografía del *Nefesh* en la plástica púnica: a propósito de las representaciones del monumento funerario y su significado. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: CSIC - Consejo Superior de Investigaciones Científicas, v. 79, p. 13-28, 2006.
- PRAG, Jonathan R. W. Poenus plane est – but who where the ‘Punickes’? *Papers of the British School at Rome*. London: The British School at Rome, v. 74, p. 1-37. 2006.
- RAKOB, Friedrich. La Carthage archaïque. In: COLLOQUE INTERNATIONAL SUR L’HISTOIRE ET L’ARQUEOLOGIE DE L’AFRIQUE DU NORD, 4., 1990. Strasburgo. *Carthage et son territoire dans l’Antiquité*. Tome I. Strasburgo: Éditions du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1990, p. 31-43.
- RICKARD, T. A. The mining of the Romans in Spain. *The Journal of Roman Studies*. London: The Society for the Promotion of Roman Studies, v. 18, p. 129-143, 1928.
- ROBIN, Cynthia & ROTHSCHILD, Nan A. Archaeological ethnographies. *Journal of Social Archaeology*. London: SAGE Publications, v. 2, n.2, p. 159-172, 2002.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* 10. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993. 1297 p.
- TOMLINSON, R. A. *Greek and Roman architecture*. Londres: British Museum Press, 1995. 128 p.
- THOMPSON, Dorothy Burr. *An ancient shopping center: The Athenian Agora*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 1986. Sem paginação. (Excavations of the Athenian Agora Picture Book, 12).
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 7-72.

*Artigo recebido em agosto de 2008. Aprovado em novembro de 2008.